

SOUSA GALITO, Maria (2010). Geopolítica da Demos (III). CI-CPRI, AO, N.º 10, 15 Dezembro, pp. 1-4.

AO: Artigo de Opinião



Geopolítica da Demos (III)

A globalização marca a vida interna de cada país e as relações entre Estados. Os intensos fluxos de pessoas e capitais, mercadorias e serviços, potenciam maior dinamismo a um mercado consumista, empreendedor e criador de emprego. Os Estados privatizam e liberalizam em função das vantagens que este modelo económico pode proporcionar.

Mas o liberalismo também pode gerar crises, que são cíclicas, umas mais fortes do que outras que, por sua vez, despertam grandes fortunas ou desemprego e fome. Ao ponto dos Estados se sentirem na obrigação de intervir, para tentar controlar a situação – o que se verifica desde 2008 – através de medidas internas, depois de encontros bilaterais ao mais alto nível e de cimeiras internacionais onde aparentemente reinou o multilateralismo.

Assim temos o *Yin* e o *Yang* que, segundo a filosofia chinesa (e num mundo onde Pequim se afirma como potência, é melhor compreender uma cultura que no futuro se poderá tornar dominante) representam um equilíbrio dinâmico entre duas forças contrárias, que ciclicamente se afirmam.

Para quem não acredita que a História se repete e recicla de umas épocas para as outras, não consegue enxergar o quanto vivemos actualmente uma vivência de crianças num mundo onde, independentemente de possuir regras, ninguém as cumpre e por tudo se reclama sem vislumbre de verdadeiras soluções.

Resultado, por um lado temos uma sociedade aberta e culpabilizada porque demasiado auto-crítica, que não se sabe defender. Por outro lado, um número crescente de pessoas dispostas a morrer por uma causa, fruto de razões tão diversas quantas o ser humano pode inventar – que não são apenas questões relacionadas com a fome e o infortúnio.

Felizmente, a maior parte das pessoas no mundo, vive o seu quotidiano normalmente. Porque tem necessidade de o fazer e não se deixa abater pelas notícias bombásticas que lhe entram pela casa a dentro todos os dias.

A qualquer momento podemos ouvir falar de sismos e tsunamis, guerras e ataques suicidas, crises financeiras e grandes incêndios. As más notícias são o pão-nosso de cada dia.

O ser humano é um animal político que tem dificuldade em viver em espaços apertados e partilhados, salpicados de solidão entre a multidão, de violência urbana ou de excessos de zelo. Mas o ser humano também precisa ser disciplinado e encarar a liberdade como um direito e uma responsabilidade, pois deve respeitar o espaço alheio e a aprender a conviver em sociedade.

Os ataques terroristas, protagonizados pela Al-Qaeda, conseguiram chocar uma sociedade que (inocente ou arrogantemente) se considerava inatacável, e os meios de comunicação lançaram-se num frenesim mediático que os tem levado a explorar o tema à exaustão, acabando joguetes das próprias actividades criminosas e terroristas que de há uns anos para cá têm conseguido protagonizar ameaças e ataques, com base na sua luta subversiva, causando mais medo do que em épocas anteriores.

Todavia, esses ataques são o espelho de realidades profundas, enraizadas e revoltadas. Fenómenos terroristas existem há séculos, renovaram-se nos objectivos e nas práticas. No presente, são interpretados consoante as perspectivas, opiniões ou reivindicações interesseiras do momento. Há quem viva disso.

Como evitá-lo? Como contrariá-lo? Parte significativa da população mundial sente, pois, necessidade de estar a par dos acontecimentos para responder de forma cabal aos desafios. Para saber defender-se a si ou à comunidade em que se insere.

Os meios de comunicação propõem-se a informar a opinião pública. Portanto, numa *sociedade da informação* como a nossa, os *media* desempenham um papel crucial. Satisfazem a curiosidade ou a legítima necessidade de conhecimento das populações à escala mundial, mas são mais fortes nuns países, noutros nem tanto (quando há censura). Em contrapartida, as notícias que os *media* divulgam devem ser objectivas e transparentes.

No que concerne à *Internet* (uma das mais recentes *revoluções na aldeia global*) esta assegura uma pesquisa rápida a qualquer pessoa que tenha acesso a ela. Razão porque é, pelo menos em teoria, democrática – daí a expressão *democracia em rede* ou *teledemocracia*, por permitir efectivar um direito inalienável, o direito à informação e à educação, através do acesso a uma circulação (intelectual) abundante.

Na Internet circula um tipo de informação correcta e de opinião fundamentada, bem como uma legítima prestação de serviços, ou conteúdos perniciosos e oferta fraudulenta, bem como vírus que minam sistemas. Alguns génios informáticos espreitam ou conspurcam sistemas institucionais, cuja informação é secreta. Na Internet há quem incite à violência e ajude a estabelecer a comunicação entre grupos criminosos. Que termo usar neste contexto? Talvez *ciber-guerra* ou guerra da informação. Ou *Teletirania*.

É indispensável uma interrogação ética neste campo. Até porque a sociedade civil ainda não se apercebeu completamente do confronto de poderes que tudo isto envolve.

Uma prática de verdadeira transparência e de respeito pelas populações é indispensável. A informação deve ser rápida, eficaz, mas igualmente legítima. Mesmo em excesso, é preferível conhecer a realidade, do que viver num mar de silêncios e de horrores dissimulados.

Mas não se pode fazer drama constante da miséria humana, nem explorar as pessoas no momento mais difícil das suas vidas. Recentemente, fez-me confusão ver um repórter desnudar as pernas de uma senhora para mostrar as suas feridas para a televisão, o que constituiu uma evidente falta de respeito por quem estava demasiado fraco para se defender. Enquanto quarto poder, as televisões, jornais e revistas, não devem ultrapassar os limites.

Paralelamente, a opinião pública deve informar-se e questionar-se. Pode fazê-lo. Hoje em dia, há cada vez mais pessoas a frequentar a escola ou mesmo o ensino secundário e superior. Quando formadas, devem ser menos influenciáveis. **Quem possui instrução tem o direito e a responsabilidade de não agir de forma ignorante.**

A possibilidade da opinião pública ser mais global, com acesso rápido à informação local, regional e mundial (através dos diferentes meios de comunicação, incluindo a Internet) é uma realidade produzida pela revolução tecnológica, um dos seus lados positivos. Permite a união dos povos na luta pelo legado humanista, tolerante, que reclama por uma maior justiça, pela igualdade de oportunidades. Movimenta-se a favor do bem-estar geral. Embora nem sempre se aperceba da força que tem, sempre se vai apercebendo.

Num mundo em que há mais saber e informação, há mais empenho dos cidadãos na resolução dos problemas da polis (em sentido estrito ou amplo – se formos cada vez mais *cidadãos do mundo*)?

Curiosamente, muitos indivíduos preferem que os deixem em paz nas suas rotinas diárias. Tem outras preocupações. Quem possui um emprego deseja mantê-lo. Quem procura trabalho, reivindica os seus direitos ou actualiza os seus estudos. Os afadigados sonham com desportos radicais. Muitos utilizam a suas horas livres a ver a novela ou o seu futebol na televisão.

A grande maioria das pessoas não quer chatices. Não quer saber de terrorismo, nem de guerrilha, nem de crime organizado. Vai votar para que os seus representantes se preocupem em resolver esses problemas por eles.

A maior parte da população prefere abster-se dos problemas nacionais e globais, e sentir-se seguro dentro de casa. Quando há harmonia sonha com a confusão, mas se a anarquia o confunde, queixa-se de falta de Democracia.

Os mais indispostos com o sistema até se predispõem a apoiar um ditador, desde que este garanta a estabilidade e o território pessoal de cada um. Mas no fundo não quer perder os direitos que um Estado de Direito lhe oferece.

Ou seja, não sabe bem o que quer. Ou melhor, quer sentir-se seguro. O problema da equação é *o lado das responsabilidades* que ninguém quer cumprir. O conforto dentro

de casa parece ser menos confuso que o desconforto em céu aberto. Os seres humanos queixam-se de limites mas precisam de os ter para sobreviver em comunidade.

*Se colocarmos uma rã numa tina de água quente, ela salta logo para fugir ao perigo.
Mas se a mesma rã for deixada em água tépida, depois gradualmente aquecida,
deixa-se estar confortavelmente. Até morrer.*